

## **OPA SOBRE A EDP BRASIL**

EDP pretende baixar  
exposição ao Brasil  
para 14% até 2026

**Risco de OPA morrer  
na praia aumentou  
com prémio em queda**

Lula acelera transição  
e aposta no hidrogénio

Conheça as razões da elétrica para esta operação  
que se realiza hoje e saiba quais os ativos que  
possui do lado de lá do Atlântico. **PRIMEIRA LINHA 4 2 8**



Um dos grandes projetos de renováveis da EDP no Brasil é o complexo solar de Pereira Barreto. A empresa tem 1,1 GW de eólico e solar no país.

# EDP quer baixar exposição ao Brasil para 14% até 2026

Com a OPA da EDP à EDP Brasil, cujo desfecho será conhecido esta terça-feira, a empresa tem planos claros para reformular o seu portefólio de ativos no país, reduzindo a exposição à energia hídrica e térmica, com a venda de barragens e uma central a carvão, e maior aposta no eólico, solar e redes.

**BÁRBARA SILVA**  
[barbarasilva@negocios.pt](mailto:barbarasilva@negocios.pt)  
**FÁBIO CARVALHO DA SILVA**  
[fabiosilva@negocios.pt](mailto:fabiosilva@negocios.pt)

**O** objetivo salta à vista no novo plano estratégico da EDP para os próximos três anos. De uma contribuição atual de 25% da EDP Brasil para os resultados do grupo, até 2026 a empresa quer reduzir

este valor em 11 pontos percentuais, para apenas 14%, ganhando o negócio de redes um maior destaque no país, enquanto a energia hidroelétrica evoluirá em sentido contrário, com a rotação de ativos e a venda de barragens.

O mesmo destino terá a central térmica brasileira do Pecém, que este ano já se traduziu em perdas de 130 milhões de euros com o registo de uma imparidade nas contas de 2022. Em causa estão “incertezas” em relação ao futuro da central a carvão, com 720 MW.

A EDP quer ser 100% verde até 2030 e ver-se livre do carvão em 2025, apesar de a central no Ceará ter licença de operação até 2044 e um contrato de venda de energia até 2027.

Mesmo não se tratando de um desinvestimento da EDP no mercado da América Latina, com os analistas brasileiros a argumentarem que a oferta pública de aquisição (OPA) e o possível controlo de 100% da EDP Brasil irá aumentar ainda mais o foco no país, uma coisa é certa: a EDP templa-

nos claros para reformular o seu portefólio no Brasil, reduzindo a exposição hídrica e térmica, e apostando na energia solar e eólica e no crescimento do negócio regulado de redes.

“O Brasil é um mercado de grande dimensão, com bases sólidas e várias oportunidades na transição energética, onde a EDP continuará a apostar em redes e energias renováveis através de uma remodelação da sua carteira”, tinha já explicado a elétrica no contexto da OPA. Ou seja, é uma

## 30

### INVESTIR NO BRASIL

Nos próximos cinco anos, a EDP Brasil quer investir no país 30 mil milhões de reais, ou seja 5,6 mil milhões de euros.





menos 6,8% do que em 2021. A vontade da EDP em continuar a investir no Brasil foi confirmada pelo próprio primeiro-ministro, António Costa, durante a XIII Cimeira Luso-Brasileira. Perante o presidente Lula da Silva, Costa garantiu que as portuguesas EDP e Galp vão investir 5,7 mil milhões de euros em projetos energéticos no Brasil, sendo que no caso da elétrica a aposta passará sobretudo pelo hidrogénio verde.

O presidente da EDP Brasil defendeu ainda que a regulação no país é “estável e sofisticada”, um grande ativo que o responsável espera que se mantenha. “A pior coisa que um investidor quer ouvir é que mudaram as regras”, afirmou, sublinhando: “Acredito que esse ativo não seja destruído e os indícios que temos vão no sentido de que as autoridades brasileiras querem mantê-lo”.

Em 2022, a EDP Brasil viu os seus lucros caírem 52,7% face ao ano anterior, cerca de mil milhões de reais (181 milhões de euros), sobretudo reflexo da imparidade relativa à termoelétrica do Pecém. Sem estes efeitos não recorrentes, “o lucro líquido ajustado atingiu 1,3 mil milhões de reais [235 milhões de euros], um aumento de 14,2% em relação ao último exercício”, frisou a EDP Brasil.

Para a empresa, o ano passado ficou marcado pelo aumento dos investimentos na distribuição de energia, com 10 novas subestações nos estados de São Paulo e do Espírito Santo, e também pela venda da central hidroelétrica de Mascarenhas. Soma-se ainda a aquisição da linha de distribuição obtida num leilão governamental no estado brasileiro de Goiás que permitiu a integração de 100% do ativo nos sistemas da empresa.

No último trimestre de 2022, a EDP Brasil avançou com outro investimento na sequência da vitória obtida num leilão realizado pelo Governo brasileiro para uma linha elétrica de 183 quilómetros de extensão no estado de Rondônia. Ainda no ano passado, a empresa anunciou um novo projeto fotovoltaico de larga escala com uma capacidade de 255 MW e previsão de entrada em operação em 2024. O ano fechou com um portefólio solar de 450 MW, quase metade da meta de 1 GW que a EDP Brasil quer atingir até 2025. ■

geografia onde a empresa quer continuar a apostar, mas com menos exposição aos riscos. “Para a EDP, será estratégico adquirir a sua empresa do Brasil e assim continuar a expandir os negócios, visto que o setor energético brasileiro tem estado em forte crescimento”, disseram ao Negócios Henrique Tomé e Vítor Madeira, analistas da consultora XTB.

#### Investimento em força

Por seu lado, o presidente da EDP Brasil, João Marques da Cruz, já deixou uma garantia, depois de ter sido anunciada a OPA: “Quero que se recordem que estamos aqui e queremos investir, nos próximos cinco anos, 30 mil milhões de reais [5,6 mil milhões de euros, ao câmbio atual] em geração renovável e redes”.

De acordo com Marques da Cruz, este valor será dividido 50/50, entre a construção de novos parques solares e eólicos e a transmissão e distribuição de energia. No ano passado, os investimentos da EDP no Brasil chegaram aos 2,3 mil milhões de reais (416 milhões de euros),

## Motivos da EDP para realizar a OPA

- Simplificar a estrutura corporativa e de negócio
- Integração industrial
- Acelerar a reformulação do portefólio no país
- Reduzir a exposição hídrica (barragens) e térmica (carvão)
- Foco na transição energética (energia eólica e solar)
- Estrutura de capital e otimização da política de dividendos
- Foco no crescimento dos negócios regulado de redes de transporte e distribuição e solar distribuído
- Gestão da exposição do Grupo ao Brasil

## Em 2022, a EDP Brasil viu os seus lucros caírem quase 53%, para 181 milhões de euros.

## Ativos da EDP no mercado brasileiro

- Em 2022, a EDP Brasil pesou 25% nos resultados do Grupo EDP. A empresa quer reduzir valor para 14% em 2026.
- A EDP Brasil opera desde 1995 e está presente em 15 estados, com 3,8 milhões de clientes.
- Na Distribuição tem duas concessões de distribuição de eletricidade em dois estados (São Paulo e Espírito Santo), com 26 TWh/ano de energia distribuída.
- Na Transmissão, a empresa detém 7 lotes e cerca de 2.200 quilómetros de redes, nos estados do Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.
- Na energia hídrica são seis as barragens da EDP Brasil, com 2 GW de capacidade instalada.
- Na energia térmica a empresa detém a central a carvão do Pecém, com 720 MW de capacidade instalada.
- A EDP Renováveis Brasil, que opera desde 2009, tem 1.1 GW em produção e construção (900 MW de eólica 200 MW de solar).

## PERGUNTAS A BERNARDO VIERO

Analista de ações da Suno Research



## A OPA “aumenta ainda mais o foco do Grupo EDP no Brasil”

**Ainda com dúvidas sobre se a oferta pública de aquisição da EDP sobre a EDP Brasil irá a bom porto – “apesar de a aprovação da operação ainda ter grandes hipóteses de ocorrer” – Bernardo Viero, analista da consultora brasileira Suno Research, defende que a elétrica está totalmente focada no mercado brasileiro.**

**A OPA e a retirada da EDP Brasil da bolsa representam um desinvestimento da EDP no mercado brasileiro?**

Pelo contrário, ao tentar comprar todas as ações que hoje estão em “free float” na bolsa brasileira, a EDP aumentaria a sua participação no mercado brasileiro, considerando ainda que os investimentos do braço do grupo no Brasil devem continuar a ser executados conforme o planeado para o ciclo.

**O Brasil tem sido um mercado histórico e importante para o Grupo. O que pode a EDP esperar do Brasil para o futuro?**

Cotada na bolsa brasileira ou totalmente na mão da EDP, a EDP - Energias do Brasil deve continuar a seguir a sua trajetória de fortes investimentos em redes. E também concentrar esforços na descarbonização e diversificação da sua matriz de geração de eletricidade, convertendo uma parcela do que hoje é primordialmente energia hídrica e térmica em energia solar.

**Tendo em conta a presença global da empresa, o Brasil é um mercado onde a EDP quer permanecer forte?**

Sim, a oferta pública de aquisição à EDP Brasil parece-nos um movimento que poderá aumentar ainda mais o foco do Grupo EDP no Brasil, dado o aumento da sua participação no negócio, que a aprovação da OPA proporcionaria.

**Vender barragens e a central a carvão do Pecém significa reduzir o risco no país? Redes e renováveis são uma aposta mais segura para a EDP no Brasil?**

A geração solar e o negócio de redes não são necessariamente mais seguros do que a geração a carvão e a hídrica. Mas é um facto que, ao equilibrar melhor as matrizes de geração de energia do seu portefólio no país, a EDP - Energias do Brasil tende a tornar-se num negócio mais resiliente como um todo. O movimento não é de migração para negócios menos arriscados, mas sim de diversificação e diminuição da concentração de riscos específicos. ■

BÁRBARA SILVA



**Cotada na bolsa ou totalmente na mão da EDP, a EDP Brasil deve seguir a sua trajetória de fortes investimentos em redes.**





# Risco de OPA morrer na praia aumentou com prémio em queda

O prémio resultante do preço pago pela EDP por cada ação da energética brasileira tem caído desde março, devido à valorização dos títulos do setor, incluindo da própria EDP Brasil. No que toca aos riscos da operação financeira, estes parecem estar acautelados.

Miguel Baltazar

FÁBIO CARVALHO DA SILVA  
fabiosilva@negocios.pt  
BÁRBARA SILVA  
barbarasilva@negocios.pt

O desempenho positivo do setor energético na bolsa brasileira pode colocar em causa o sucesso da OPA (oferta pública de aquisição) da EDP sobre a EDP Brasil.

Desde que, em março, a empresa liderada por Miguel Stilwell de Andrade anunciou a intenção de avançar com esta operação, “o risco de insucesso aumentou”, considera Bernardo Viero, analista do mercado de ações da Suno Research, em declarações ao Negócios.

“Desde março até agora, o mercado e os principais pares valorizaram bastante, fazendo com que o prémio que foi inicialmente oferecido tivesse deixado de ser tão atrativo como era antes”, justifica Bernardo Viero.

Durante a OPA, que arranca às 19 horas de Lisboa (15 horas em Brasília) desta terça-feira, a elétrica nacional dispõe-se a pagar aos acionistas minoritários da EDP Brasil um montante de 23,73 reais por ação (4,4 euros, ao câmbio atual), segundo o edital publicado no site do regulador brasileiro do mercado de capitais.

O valor corresponde a um prémio de 0,29% face à última cotação de fecho da EDP Brasil, longe do prémio de mais de 5% face ao preço por ação contabilizado no final do passado dia 2 de março, quando foi anunciada a operação. Ainda assim, durante o leilão a EDP poderá aumentar o preço pago por ação.

Desde o início do ano, as ações da EDP Brasil escalaram mais de



A OPA da cotada liderada por Miguel Stilwell de Andrade (na foto) sobre a EDP Brasil arranca esta terça-feira com um preço de 23,73 reais por ação.

23%, em contracção com os títulos da EDP, que em igual período desvalorizaram 6,33%, enquanto os títulos do braço das renováveis registaram uma queda de 2,36%.

Assim, “apesar de ainda haver grandes probabilidades de sucesso, vemos que a probabilidade da OPA ser chumbada aumentou”, frisa o analista de “equity” da Suno Research.

Ainda assim, caso tal aconteça, não deverá colocar em causa “a trajetória de sucesso” da EDP Brasil em bolsa, a qual “seguiria normalmente” o seu percurso. O analista acredita mesmo que se tal acontecer, haverá ainda a hipótese de a EDP tentar uma segunda OPA, mas desta vez com um pré-

mio maior.

“No final das contas, a EDP está a exercer o seu papel de tentar alocar capital da melhor forma possível, ao passo que se não se sentir recompensado suficientemente, o próprio acionista pode exercer o seu direito de tentar chumbar a oferta”, acrescenta

**Tanto os riscos cambiais como económicos parecem estar acautelados.**

Bernardo Viero.

Aliás, das muitas questões que têm sido endereçadas aos analistas por investidores do retalho – os quais “inundaram” recentemente o mercado acionista brasileiro – é se existe a possibilidade de haver uma segunda operação desta natureza com um preço por ação mais elevado, como revela o analista da Suno Research.

**Riscos existem, mas estão controlados, ou deviam estar** Como qualquer operação financeira, a OPA da EDP sobre a empresa brasileira está envolta em alguns riscos, ainda que os analistas acreditem que estes sejam remotos ou já acautelados pela energé-

tica. A operação é denominada em reais, uma moeda de um mercado emergente, que desde o início do ano ganhou 5,71% contra o euro, tornando a troca entre euros e reais mais onerosa para quem detém a moeda única. Assim, para a XTb, o “risco cambial é o mais relevante”. Ainda assim, a EDP poderá recorrer a estratégias de “hedging”, através das quais “é possível mitigar ou até anular estes riscos”, salvaguardam os analistas da corretora, Henrique Tomé e Vítor Madeira.

A XTb alerta ainda para os riscos “acrescidos pela instabilidade macroeconómica e política, o que poderá ter impacto fiscal”. Aliás, “pode dar-se o caso de uma ines-



# 23,73 1

## PREÇO

A EDP está disposta a pagar um preço de 23,73 reais por ação, equivalente a 4,74 euros ao câmbio atual.

## CUSTO

Caso a EDP consiga comprar todas as ações traçadas no edital gastará pouco mais de mil milhões de euros.

## OPA sobre EDP Brasil: Uma operação com duas caras

### QUANDO ARRANCA A OPA? E COMO?

● A oferta pública inicial (OPA) arranca esta terça-feira, à 19 horas, num dia em que os investidores se pronunciam sobre se aceitam a oferta da EDP, e em caso positivo, se permitem que a mesma saia da bolsa brasileira, ou se apenas sai da categoria mais elevada da bolsa.

### QUAIS AS MAIORIAS NECESSÁRIAS?

● Caso os acionistas titulares de, pelo menos, um terço das ações em circulação concordarem vender os títulos, as ações passam a negociar na categoria mais básica na bolsa brasileira B3, saindo da mais alta batizada de Novo Mercado. Para que a saída da bolsa brasileira B3 aconteça, é necessária a conversão de registo do emissor para categoria B, sendo necessária uma maioria de dois terços. O cenário ideal para a elétrica liderada por Miguel Stilwell será mesmo conseguir ficar com a total do capital. A data de liquidação ocorre a 14 de julho.

### PODE-SE VENDER DEPOIS DA DATA DE LIQUIDAÇÃO?

● Sim. Uma vez alcançada a maioria qualificada para sair de bolsa, a EDP deve "durante o período de três meses seguintes ao leilão, ou seja até 11 de outubro" comprar "todas as ações remanescentes dos acionistas que as desejem vender", lê-se no prospeto. Caso seja apenas votada a saída da categoria de Novo Mercado, o procedimento é semelhante, correndo o prazo limite neste caso até ao dia 11 de agosto.

### EXISTE A POSSIBILIDADE DE AQUISIÇÃO POTESTATIVA?

● Sim. O prospeto estabelece que uma vez que reste apenas 5% do capital remanescente, e tenha sido alcançada uma maioria de dois terços para a conversão de registo, deve ser convocada uma assembleia geral extraordinária para aprovar "o resgate compulsório" das ações que restam, sendo estas pagas com um valor "idêntico ao preço por ação", ajustado por outros fatores definidos no prospeto.

### QUANTO VAI GASTAR A EDP NA OPA?

● A EDP prevê gastar pouco mais de mil milhões, caso consiga comprar todas as ações que não detém. Atualmente, a EDP detém diretamente 56,05% da EDP Brasil, mas consolida 57,55% pelo ajuste da detenção de ações próprias.

### QUANTO É O PREÇO POR AÇÃO?

● A elétrica dispõe-se a pagar 23,73 reais por ação (o que corresponde a 4,4 euros, ao câmbio atual), podendo aumentar o preço por título durante o leilão.

## OPA com impacto limitado nas ações da EDP e EDP Renováveis

**A operação sobre a EDP Brasil não deverá ter grande impacto nas ações da EDP e EDPR, mas deve ser positivo a longo prazo para a casa-mãe.**

A oferta pública de aquisição (OPA) da EDP sobre a EDP Brasil deverá ter um impacto limitado a curto prazo nas ações da cotada nacional, antecipam os analistas. Já a longo prazo, as ações podem reagir de forma positiva a um negócio que deverá consolidar as contas da empresa-mãe.

"A prazo [a OPA] é um bom indício para as ações da EDP, uma vez que estão a absorver na totalidade um negócio lucrativo que deverá ter uma expansão das receitas e das margens nos próximos anos", defende Mário Martins, analista da ActivTrades, em declarações ao Negócios.

Já os analistas da XTB Vítor Madeira e Henrique Tomé não acreditam que a curto prazo esta operação "possa ter muito impacto na cotação das ações da EDP".

Assim sendo, também no caso das ações da EDP Renováveis – em que a EDP detém uma presença de 71,27% no capital – a XTB acredita que uma vez que "não se prevê que este evento traga muita volatilidade às ações da empresa-mãe", também "provavelmente não se vai sentir [esta volatilidade] na EDPR".

Também a ActivTrades prevê que esta operação não deva ter um grande impacto nas ações do braço das renováveis, antecipando, no máximo, "um efeito residual".

Por outro lado, esta operação "poderá ter impacto [futuro nas

ações da EDP], uma vez que se espera que esta decisão traga melhores resultados à empresa e se reflita nos lucros", salvaguardam os analistas da XTB.

Esta terça-feira, às 19 horas de Lisboa (15 horas em Brasília) arranca a OPA da EDP sobre a empresa brasileira. A elétrica nacional dispõe-se a pagar aos acionistas minoritários da EDP Brasil um valor atualizado de 23,73 reais por ação (4,4 euros, ao câmbio atual), segundo o edital. Ao todo estarão sujeitas à oferta pública de aquisição mais de 240 milhões de ações. Caso a EDP adquira a totalidade das ações objeto da oferta, o valor total previsto para a oferta será de 5.715.808.674,45 reais (1.059 milhões de euros).

Desde o início do ano, as ações da EDP Brasil valorizaram 13,8%, em contramão com os títulos da EDP, que desvalorizaram 6,38%, enquanto os títulos do braço das renováveis registaram uma queda de 2,36%.

Já olhando para a contabilidade, a EDP Brasil registou "bons níveis de crescimento nos últimos anos", como lembra a XTB.

Os analistas Henrique Tomé e Vítor Madeira alertam ainda que, por outro lado, caso a operação "não obtenha retornos positivos para a EDP", isto "levará a que no futuro a cotação ou o dividendo não cresça, podendo mesmo chegar a cair". ■ **FCS e BS**

perada degradação da economia brasileira", como recorda a ActivTrades. Ainda assim, o analista Mário Martins lembra, estamos apenas "no campo das possibilidades", que "certamente estão acautelados numa empresa deste nível", não havendo por isso "riscos previsíveis na prática".

### OPA sem conexão fiscal com Portugal

"Trata-se de uma OPA lançada por uma sociedade espanhola (a EDP International Investments and Services) sobre uma sociedade brasileira", a EDP Brasil, começa por explicar a advogada Tânia de Almeida Ferreira, sócia da CCA. Assim, a OPA "não terá uma conexão fiscal com Portugal, mas sim com a Espanha e com o Brasil.

No máximo, a canalização de fundos para esta operação poderá suscitar questões fiscais, mas que à partida estão resolvidas, através de mecanismos legais, sem impactos fiscais em Portugal.

"Eventualmente a canalização dos fundos para a liquidação da operação poderia suscitar questões fiscais em Portugal, mas em regra o 'downstream' de fundos intragrupo sem impactos fiscais é facilmente alcançável", explica Tânia de Almeida Ferreira. Recorde-se que o montante disponível para esta operação foi conseguido durante o aumento de capital concluído em março.

Assim, os únicos potenciais impactos fiscais portugueses seriam na esfera dos atuais investidores da EDP Brasil que venham a alienar as suas participações no contexto da OPA e sejam fiscalmente residentes em Portugal, porque "caso realizem mais-valias, as mesmas serão sujeitas a tributação" nacional, sublinha a fiscalista. ■

“

**A prazo, a OPA é um bom indício para as ações da EDP.**

**MÁRIO MARTINS**  
Analista da ActivTrades

“

**EDP Brasil teve "bons níveis de crescimento nos últimos anos".**

**HENRIQUE TOMÉ E VÍTOR MADEIRA**  
Analistas da XTB



# Com Lula no poder, Brasil acelera transição e aposta no hidrogénio

O país continua a ser um dos maiores produtores de petróleo do mundo e quer passar do 8.º para o 4.º lugar da tabela. Ao mesmo tempo, as renováveis já são quase 45% da matriz energética brasileira, com o eólico e o solar a aumentarem 13,2%.

**BÁRBARA SILVA**  
barbarasilva@negocios.pt

Apesar de ainda atrasado na sua caminhada para a transição energética e a neutralidade carbónica, “o Brasil é uma potência mundial em termos de energia” e, por esse motivo, o país apresenta “grandes oportunidades de negócio e de investimento”, argumenta Filipe de Vasconcelos Fernandes, advogado e especialista em Economia da Energia. De acordo com a mais recente Resenha Energética Brasileira (dados de 2021) do Ministério de Minas e Energia, os combustíveis fósseis registaram nesse ano um aumento de 12,4% (para os 55,3% da oferta total de energia no país), impulsionados pela recuperação dos setores de Transporte e Indústria e por uma maior produção de energia térmica para compensar a menor geração hidroelétrica devido à escassez de chuva.

Por seu lado, as fontes renováveis recuaram 3,3 pontos percentuais (de 48,5% para 44,7% entre 2020 e 2021), queda que só não foi maior porque a energia eólica e solar registaram um aumento de 13,2%, conclui o documento do Ministério de Minas e Energia.

Ainda em 2021, o Brasil continuou a registar um superávit, com a produção de energia primária a superar a procura total em 3,7%, contra 10,6% do ano anterior. Isto devido sobretudo ao petróleo e derivados, cujo superávit caiu de 56% em 2020 para 42,2% em 2021. Já no gás natural, o Brasil aumentou o seu défice de 27,3% para 40,5%.



Adriano Machado/Reuters

Desde que regressou ao poder, Lula da Silva lançou um novo plano de reindustrialização verde, no qual o hidrogénio deve substituir o gás.

**Oitavo maior produtor de petróleo do mundo**  
Segundo os números da Administração de Energia dos EUA, o Brasil é o oitavo maior produtor de petróleo do mundo, com 3,8 milhões

de barris por dia em 2022. Por seu lado, a Agência Internacional de Energia sublinha que o consumo de petróleo quase duplicou no Brasil na última década, para sustentar o crescimento económico. Em 2023 é esperado um novo aumento da produção petrolífera brasileira, com a Agência Nacional para o Petróleo, Gás Natural e Biofuels a projetar que o país se vai tornar no quarto maior produtor de petróleo no mundo nos próximos anos.

“O Brasil foi durante muitos anos mais conhecido pelas energias não renováveis, como o petróleo, mas agora está também a afirmar-se pelo aumento de capacidade no eólico, solar fotovoltaico e hidrogénio verde”, diz o especialista, acrescentando que, “pela sua dimensão

e heterogeneidade do território, o país tem um enorme potencial energético”. No que diz respeito à atração de investimentos estrangeiros, Vasconcelos Fernandes sublinha ainda o facto de o Brasil ser uma “plataforma energética giratória, com ligação aos EUA”, cuja “nova agenda ESG [ambiental, social e de governança] e melhor reputação têm atraído a atenção dos investidores à escala mundial”.

Além disso, e fruto da mudança de Presidente no Palácio do Planalto (de Jair Bolsonaro para o repete Lula da Silva), o país está a “redefinir a sua política industrial, com o hidrogénio verde para substituir o uso de gás na indústria”. Para Filipe Vasconcelos Fernandes, Lula da Silva mandou redefi-

nir o quadro regulatório em termos de energia e lançou um “novo plano de reindustrialização verde, com outros vetores energéticos a entrar em cena, como é o caso do hidrogénio verde”. Não é, assim, por acaso que a primeira molécula deste gás renovável por parte da EDP tenha já sido produzida no Brasil. No entanto, nota o especialista, “o país não tem ainda um diploma de incentivo ao investimento semelhante ao Inflation Reduction Act americano”, o que pode dificultar o investimento estrangeiro. “Em termos de transição energética, o Brasil não tem um plano definido e está ainda num estágio inicial da sua descarbonização. Por isso não pode comprometer-se com metas de neutralidade carbónica”, conclui. ■



**O Brasil está a afirmar-se pelo aumento de capacidade no eólico, solar e hidrogénio.**

**FILIFE VASCONCELOS FERNANDES**  
Especialista em Economia e Energia